
A Personalidade Autoritária

Estudos Frankfurtianos sobre o Fascismo

Iray Carone*



Há inúmeros artigos e livros de frankfurtianos sobre a questão do fascismo, escritos especialmente por Adorno, Horkheimer, Lowenthal e Guterman, durante o exílio norte-americano, dos anos 30 aos 50. Vejam bem : os autores não estavam se referindo ao *fascismo de Estado*, tal como surgiu como uma ideologia política totalitária, anti-semítica, nacionalista, militarista e de extrema direita do regime do III Reich na Alemanha ou do regime de Mussolini na Itália. Eles se debruçaram sobre os *traços fascistas ou sobre a mentalidade fascista* presentes, de forma visível ou subterrânea, nas sociedades modernas democráticas, tal como os Estados Unidos da América do Norte. Além disso, se preocuparam em : (1) descobrir os traços essenciais e históricos do *fascismo latente* de cidadãos comuns, não participantes de organizações fascistas, e (2) analisar panfletos e elocuições radiofônicas de *agitadores fascistas*, ou seja, de militantes e líderes de organizações fascistas.

Os estudos sobre o fascismo latente se encontram em *A Personalidade Autoritária : estudos sobre o preconceito*; aqueles sobre os agitadores se encontram em vários artigos e livros de Adorno e Horkheimer, Lowenthal e Guterman, aos quais nos referiremos mais adiante. De um ponto de vista científico, os primeiros versam sobre as *predisposições psicossociais para o fascismo*, de modo não muito consciente por parte dos sujeitos; os segundos versam sobre as *técnicas psicológicas recorrentes dos líderes fascistas*, usadas para a formação e manipulação das massas.

De um ponto de vista histórico, os estudos dos agitadores fascistas precederam aqueles do fascismo latente. *A Dialética do esclarecimento*, publicada pela primeira vez

* Doutora em Filosofia e professora do Instituto de Psicologia da USP – Universidade de São Paulo.

em 1944, na parte que se refere aos *Elementos do anti-semitismo*, está baseada nos estudos sobre os agitadores fascistas norte-americanos, da década de 30; *A personalidade autoritária*, baseada no estudo de campo do fascismo latente, é um resultado de pesquisa feita de 1944 a 1947, dirigida por Adorno junto a psicólogos clínicos e sociais da Universidade da Califórnia em Berkeley, publicada pela primeira vez em 1950. É bom discernir, portanto, entre os estudos sobre o fascismo de agitadores e o fascismo latente de cidadãos comuns da população norte-americana..

Uma das questões mais importantes dos estudos frankfurtianos sobre o fascismo é a do anti-semitismo : todo sujeito que mostra predisposição anti-semítica é também um sujeito etnocêntrico, ou seja, predisposto a discriminar vários grupos étnicos. Ele tende a idealizar o grupo e o líder com os quais se identifica (*in group* ou endogrupo) e a projetar qualidades negativas nos grupos com os quais se contra-identifica (*out-groups* ou exogrupos), os objetos do preconceito .

Certamente, Freud já tinha apontado para os mecanismos inconscientes da idealização, identificação e projeção em *Psicologia de massas e análise do eu*, mas os estudos contidos em *A personalidade autoritária* aprofundaram mais o conhecimento da dinâmica própria do preconceito : o *objeto* (os judeus, os negros, os homossexuais, etc.) de representações preconceituosas é *interpermutável*, porque ele cumpre uma função psicológica na economia psíquica do sujeito preconceituoso, de modo que as características do objeto do preconceito importam menos do que as características do sujeito preconceituoso.

Ao conjunto dessas características do sujeito preconceituoso, foi atribuída a denominação de *personalidade autoritária ou síndrome autoritária*.

Essas características, no entanto, não são *inatas* ao sujeito, mas adquiridas durante o seu processo de socialização : elas são *psicossociais*. Por outro lado, não são *inativas* : elas atuam na formação e sustentação das representações psicológicas e no comportamento etnocêntrico do sujeito. Uma vez formada, a síndrome autoritária funciona como uma *estrutura de personalidade*, mais ou menos permanente, que atua no modo do sujeito selecionar os estímulos ideológicos que o clima cultural de sua época propicia, assim como nas suas opções e comportamentos políticos. Além disso, essa mesma estrutura pode apresentar *variações tipológicas*, de acordo com a prevalência de uma ou mais características na dinâmica psicológica do sujeito preconceituoso. : há vários tipos de sujeitos autoritários.

A complexidade da dinâmica do preconceito não pode ser reduzida : é comum, por exemplo, se dizer que o preconceito é um conceito mal fundamentado ou uma representação errônea, equivocada, com base em estereótipos que podem ser combatidos e eliminados com a informação correta, com o esclarecimento, etc. Mas a sustentação dos preconceitos está na própria dinâmica psicológica e não é fácil erradicá-

los com a prova de sua inverdade. Se assim fosse, seria impossível combinar racismo com o progresso da civilização e com o avanço da ciência (às vezes, a própria ciência pode servir para legitimar preconceitos ou permanecer neutra diante deles, como se não existissem).

O fascismo, tal como surgiu na Europa, nos anos que precederam a Segunda Guerra Mundial, teve sem dúvida alguma as suas determinações objetivas, históricas, políticas, econômicas, sociais, etc. Mas a adesão da população a essa ideologia e aos seus líderes foi um fenômeno de *psicologia social das massas*. Foi por essa razão que Reich disse, em *Psicologia de massas do fascismo* (1934) que a adesão da população alemã (principalmente a classe média e uma parte do proletariado urbano e rural) ao fascismo não ocorreu por causa do engodo da propaganda política, mas sim pela *identificação* da população com os líderes do movimento. Na verdade, a população alemã estava bem vacinada pelos partidos de esquerda e pelos movimentos políticos da época para reconhecer de modo imediato os seus próprios interesses e para exercer a práxis transformadora. A adesão à extrema direita não aconteceu por causa da despolitização do povo, mas sim por causa da atração exercida pelo discurso fascista sobre algo que se poderia chamar de *estrutura psicológica ou caráter* determinado societariamente pela cultura alemã. Daí nasceram as expressões *caráter autoritário* e *personalidade autoritária*.

A diferença entre líderes fascistas e os seus liderados repousava, segundo Adorno, na capacidade dos primeiros colocarem o seu inconsciente para fora, sem censuras, acionando e mobilizando as forças do inconsciente das audiências (*acting out*). O discurso anti-semítico, por exemplo, era de modo evidente uma transgressão à norma politicamente correta da indesejabilidade do preconceito na vida social; os líderes, no entanto, nunca esconderam o desejo de atacar e culpabilizar os judeus por todos os males da Alemanha (o de terem vendido segredos de guerra à Tríplice Entente e de se capitalizarem com a Primeira Guerra, por exemplo). Os liderados, por sua vez, receberam os estímulos porque tinham necessidade psicológica de encontrar bodes expiatórios para descarregar a ira e a frustração diante das misérias de suas vidas, não importando a verdade ou falsidade de se atribuir aos judeus a inteira responsabilidade pelo *status quo* social.

A vociferação racista não era um discurso lógico, argumentativo, mas um apelo à irracionalidade, diante do qual era totalmente ineficaz a prova de sua inverdade. A *eficácia ou poder de mobilização do discurso fascista residia em sua própria irracionalidade, na sua inverdade manifesta*.

Por esses motivos, a ideologia fascista representou uma significativa alteração histórica na forma e na função da ideologia. A teoria clássica da ideologia, advinda da obra de Marx, sempre apontou para duas características do discurso ideológico : (1)

representação falsa, invertida ou ilusória da realidade social; (2) instrumento de dominação das classes dominantes (toda ideologia é ideologia de dominação). A crítica da representação ou a crítica ideológica consistiria na prova de sua inverdade, na desinversão de seu conteúdo e na desmistificação da ilusão nela contida. Ora, isso supõe que a sua falsidade possa ser negada e o seu poder de dominação sobre a consciência contrabalançado pelo poder da crítica. *Mas se ela não pretende ser verdadeira e sim, uma mentira manifesta da boca dos seus líderes, então a crítica ideológica perde totalmente a sua eficácia.*

A melhor comparação que pode ser feita a esse respeito, é aquela proporcionada por Freud (*O futuro de uma ilusão*) sobre a *ilusão religiosa* : de nada adiantará a crítica racional da religião para o crente; ele continuará a crer no que crê, porque a sua crença exerce uma função importante na sua segurança psicológica, muito embora seja apenas uma muleta .

A única forma de combater o fascismo é através do estudo da *psicologia do destinatário de sua mensagem*, porque a própria mensagem é caracterizada pela presença de elementos psicológicos e não lógicos.

O estudo científico da dinâmica psicológica do preconceito em *A personalidade autoritária*, cuja função é indiscutível na ideologia fascista, implicou na criação de instrumentos apropriados, de modo geral inspirados na psicologia social e na psicologia clínica de orientação psicanalítica, para o acesso à estrutura da personalidade autoritária. Foram criadas as seguintes técnicas de coleta de dados :

- (1) questionários na forma de *escalas de medição* do anti-semitismo (AS), do etnocentrismo (E), do conservadorismo político e econômico (CPE) e do fascismo(F);
- (2) entrevistas de modelo clínico, aplicadas apenas aos sujeitos com altas e baixas pontuações nas escalas AS, E, CPE e F;
- (3) Testes de apercepção temática, ou testes projetivos, para a corroboração e complementação dos dados obtidos pelas outras técnicas.

A amostra da pesquisa com um total de *2099 sujeitos* , embora não obedecesse a critérios de representatividade estatística da população, era formada por adultos de 20 a 35 anos, nativos dos Estados Unidos, brancos, não pertencentes a minorias étnicas, não participantes de partidos e milícias políticas, com escolaridade suficiente (12 anos de estudo) para responderem aos questionários escritos, da classe sócio-econômica média, participantes de grupos tais como associações de trabalho, ocupação e recreação, sem conotação política. Além disso , entraram na amostra, de modo diferenciado, 110 homens da prisão estadual de San Quentin e 121 pacientes de uma clínica psiquiátrica da Universidade da Califórnia. De modo geral, os sujeitos residiam na área de São Francisco; dois grandes grupos eram da área de Los Angeles e outros pequenos grupos, do Estado de Oregon e Washington D.C.

O método das escalas foi aplicado e reaplicado para efetivamente se chegar a dados que pudessem ser considerados de mensuração de *opiniões, valores e atitudes do* sujeito em relação ao objeto do preconceito : judeus e demais minorias étnicas. Cada escala era um conjunto de asserções que incluía frases tiradas de escritos técnicos, literários e jornalísticos, bem como de falas da vida cotidiana e dos negócios, tais como:

Há algo inerentemente primitivo e incivilizado no negro, tal como se pode verificar na sua música e na sua agressividade extrema.

Há muitos judeus nas agências e bureaus federais em Washington, que exercem controle excessivo nas nossas políticas nacionais.

A perseguição aos judeus poderia ser eliminada se ele fizessem sinceros esforços para superar as suas imperfeições perniciosas e ofensivas.

A principal ameaça às instituições americanas neste século tem sido a infiltração de idéias, doutrinas e agitadores estranhos ao país.

As escalas, construídas pelo método *Likert*, tiveram várias funções : (1) medir as tendências ideológicas “na superfície”, ou seja, as opiniões, valores e atitudes dos sujeitos em relação aos grupos étnicos minoritários e às suas posições políticas e econômicas (AS, E, CPE); (2) medir tendências antidemocráticas implícitas (F); (3) fornecer a base para uma seleção dos sujeitos com altas e baixas pontuações, para estudos de casos, com técnicas clínicas; (4) permitir uma análise quantitativa e qualitativa da estrutura, do escopo e do conteúdo das ideologias mencionadas .

As três primeiras escalas fizeram menções explícitas a grupos minoritários; a escala F, ao contrário, não só não fez menção aos grupos minoritários, objetos de preconceitos, mas também se basearam em dados obtidos por uma pesquisa exploratória de caráter clínico. As suas asserções eram *indiretas* e assumiam o caráter de “racionalizações para tendências irracionais”, do tipo:

Hoje em dia com tanta gente se deslocando e se misturando de modo livre, é preciso ser muito cuidadoso para se proteger de infeções e doenças.

Um insulto à nossa honra deve sempre ser punido.

Obediência e respeito à autoridade são as virtudes mais importantes para as crianças aprenderem.

O homem de negócios e o industrial são muito mais importantes para a sociedade do que o artista e o professor.

As pessoas podem ser divididas em duas classes distintas : as fracas e as fortes.

A natureza humana, sendo o que é, sempre haverá guerra e conflito.

Em última análise, os resultados das escalas deveriam permitir a articulação entre o nível latente e o nível manifesto das personalidades estudadas : as disposições inconscientes (escala F) se manifestariam nas opiniões, valores e atitudes expressas pelas outras escalas (AS,E, CPE).

Quais eram, pois, as disposições inconscientes e latentes medidas pela escala F, através das asserções supracitadas, aparentemente tão banais ?

Eram nove disposições: *a submissão autoritária, a agressividade autoritária, o convencionalismo, a projetividade, a anti-intracção, a preocupação com o comportamento sexual das pessoas, a valorização do poder e da dureza, a superstição e a estereotipia, a destrutividade (ou visão catastrófica do mundo) e o cinismo*. Os dois primeiros traços são do caráter sado-masoquista, ou seja, do sujeito que se submete incondicionalmente à autoridade (masoquismo), e descarrega a agressividade nos grupos de contra-identificação (sadismo). A anti-intracção é a dificuldade do sujeito entrar em contato com a sua vida psicológica e desvalorizar sentimentos, emoções, ternura, sensibilidade, como se fosse, por isso, muito racional. Daí também decorre a sua valorização do poder e da dureza (quem é duro consigo mesmo, também o é com os demais); a projetividade é resultado de pulsões proibidas e negadas pelo sujeito que, no entanto, são exteriorizadas pela atribuição a outrem; a preocupação com o comportamento sexual das pessoas decorre tanto do sado-masoquismo como da projetividade, como se os outros realizassem as “sujeiras” que gostariam mas estão impedidos de realizar, etc.

A escala F é a configuração da estrutura psicológica do sujeito fascista : nove traços constituem o seu perfil. No entanto, a dinâmica dessa estrutura sofre variações de sujeito para sujeito, dependendo de como esses traços se combinam na forma de um caleidoscópio, onde as figuras se multiplicam mas os componentes são os mesmos. Os *tipos fascistas* são, portanto, dotados de dinâmicas psicológicas peculiares, mas dentro da mesma estrutura. Daí decorre a necessidade de *estudar caso por caso*, por meio de *técnicas clínicas*, como essa estrutura está configurada e tem funcionalidade na psicodinâmica profunda de cada tipo. Tomemos, como ilustração, os tipos fascistas que compuseram a “equipe” de Hitler, incluindo o próprio Hitler : os que organizaram friamente os campos de extermínio (Himmler); os que manipulavam a população através da informação e da propaganda (Goebbels); os que se dedicaram sadicamente às “experiências científicas” nos campos de concentração (Mengele); os que lideravam sádica e paranoicamente a polícia política da GESTAPO; os psicopatas que faziam os “trabalhos sujos” das tropas da SA (Ernst Rohm); os membros da guarda especial da SS; os especialistas da política do terror (Goering) etc. Eram todavia *tipos recorrentes da população*, mas os seus perfis psicológicos se prestavam ao cumprimento de funções específicas dentro das organizações criminosas do III Reich; nesse sentido, eram todos submissos e leais à vontade de Hitler, como se ele fosse um pai superpoderoso e implacável, equivalente à própria Alemanha.

De certa maneira, esses tipos reapareceram como tendências latentes ao fascismo, nos resultados finais de *A personalidade autoritária* : uma evidência surpreendente para

aqueles que supunham que o fascismo estava confinado a um ou dois países europeus sem um regime democrático !

Por essa razão, a pesquisa de *A personalidade autoritária*, embora tivesse alcançado um bom conhecimento da síndrome através da técnica das escalas, teve um prosseguimento clínico de estudos de casos, ou seja, dos casos que apresentaram pontuação muito alta (os fascistas latentes) e dos que tiveram pontuação muito baixa (os liberais).

O estudo clínico psicodinâmico teve por base uma amostra bem reduzida, num total inicial de 100 pessoas, embora apenas 80 (40 homens e 40 mulheres) tivessem sido efetivamente considerados para efeito da investigação. Entre as mulheres, 25 eram pertencentes aos altos e 15, aos baixos índices. Entre os homens, a proporção foi de 20 para 20, altos e baixos. Da análise dos dados amostrais foram configurados 6 tipos de personalidade autoritária e 5 tipos não autoritários,

È bom que se diga, no entanto, que a análise não seguiu os padrões da nosologia psiquiátrica nem tampouco as classificações tipológicas de manuais de psicologia, pois (1) os perfis psicológicos são antes de tudo perfis ideológicos (tendências antidemocráticas latentes); (2) a questão central é a do preconceito, ou seja, as opiniões, valores e atitudes do sujeito em relação aos exogrupos e a sua sustentação na estrutura de personalidade; (3) a relação entre o nível latente e o manifesto das personalidades estudadas. *A personalidade autoritária*, nesse sentido, representou a primeira tentativa rigorosamente científica de se estudar a questão política da *ideologia* com os instrumentos da psicologia social e da psicologia clínica psicanaliticamente orientada.

Além disso, esse estudo versa sobre o preconceito e não sobre a discriminação, pois o primeiro é atitudinal ou disposicional, e o segundo, comportamental: não há dúvida, no entanto, que o combustível do comportamento discriminatório é o preconceito; uma vez formado, o preconceito faz parte da estrutura psíquica e pode ser “acionado” pelo comando psicológico do fascismo ou permanecer num estado latente, quando o sujeito vive numa sociedade que censura, condena e pune a discriminação..

Os estudos sobre os agitadores fascistas, empreendidos por Adorno, Lowenthal e Guterman, como já dissemos, foram realizados nos Estados Unidos, anos 30. Esses militantes, que eram no geral, pastores evangélicos, faziam uso do rádio e de panfletos políticos, mas mascaravam as suas simpatias pelo nazismo e pelas idéias totalitárias com a capa da religião, uma vez que não podiam fazer uma propaganda política ostensiva do fascismo numa sociedade democrática. No entanto, utilizavam as mesmas técnicas da psicologia de massas de Hitler, que incluíam : (!) a representação do líder como pequeno grande homem: (2) a representação dos alvos de suas elocuções como inimigos escondidos e protegidos pelas instituições democráticas; (3) a nomeação desses inimigos como judeus, comunistas, intelectuais de esquerda, políticos do *New*

Deal, banqueiros, artistas do cinema e do rádio, etc; (4) a orientação ou destino de suas mensagens para os aliados dos benefícios sociais (os *underdogs*), velhos aposentados, lunáticos, classe média rancorosa ou ressentida, religiosos fundamentalistas, etc.

Baseados na coleta de programas de rádio e de várias revistas panfletárias, os frankfurtianos fizeram a análise desses materiais com os recursos da psicanálise, mostrando o seu conteúdo latente : a racionalização(ou falsas justificações racionais) de motivações irracionais antidemocráticas, que ressoavam fortemente no destinatário (as audiências), como uma espécie de código Morse psicológico pelo qual a mensagem do emissor é decodificada ou decifrada pelo destinatário mais num nível inconsciente do que consciente

A idealização do líder, por meio da sua representação como um pequeno (igual à sua audiência) grande homem (infinitamente superior a ela) é parte do processo psicológico da identificação dos membros da audiência, como Freud mostrou em *Psicologia das massas e análise do eu*. A representação dos alvos de suas diatribes como inimigos do povo, por sua vez, comportou um processo projetivo : o de atribuir aos grupos nomeados as pulsões negadas e recalcadas pela audiência e pelo líder. Idealização do líder, identificação dos membros do grupo entre si através da figura do líder e projetividade sobre os grupos visados como inimigos, são, portanto, os elementos psicológicos colocados em jogo pela prática fascista. Em suma, a paranóia utilizada como uma forma de comando da sociedade. Os traços da escala F, estão aqui presentes, com a diferença de que os agitadores conseguem converter as tendências antidemocráticas latentes em ação política.